



A evolução da Igreja Católica no Brasil à luz de pesquisas recentes

The evolution of the Catholic Church in Brazil at the light of recent research

Johan Konings*

Geraldo Luiz de Mori**

Resumo

Este artigo propõe uma leitura teológico-pastoral dos resultados do Censo 2010 sobre religião no Brasil, publicados em julho de 2012, recorrendo, também, ao estudo da Fundação Getúlio Vargas – *O novo mapa das religiões* – publicado em 2011, e à pesquisa encomendada pela Arquidiocese de Belo Horizonte sobre *Valores e religião na região metropolitana*, cuja realização se deu em 2012. A leitura proposta pelo artigo leva em conta, sobretudo, o que os dados dessas pesquisas dizem sobre a Igreja Católica. Após um breve comentário de elementos apresentados por tais pesquisas, o texto propõe algumas chaves de interpretação. Começa com uma leitura de tipo sociorreligioso, mostrando que a queda acentuada da pertença ao catolicismo é o resultado da saída de uma religião de tipo ‘ambiental’ e herdado para uma religião de ‘convicção’, de caráter ‘confessante’. Em um segundo momento, apresenta algumas raízes dessa maneira de compreender a fé no Novo Testamento e na leitura sobre a natureza e a missão da Igreja feita pelo Concílio Vaticano II. Conclui, enfim, com algumas considerações de tipo pastoral, apontando não tanto as soluções para a queda da pertença ao catolicismo, mas as atitudes que uma Igreja ‘confessante’ deve assumir na atualidade.

Palavras-chave: Censo 2010. Censo das religiões. Igreja Católica no Brasil. Leitura teológica.

Abstract

The article proposes a theological-pastoral reading of the results of the most recent Census by the IBGE 2010 – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – regarding religion in Brazil, published in July 2012, while also drawing on a study by the Fundação Getúlio Vargas – *O novo mapa das religiões* (The new map of religions) – published in 2011, and on the research project sponsored by the Archdiocese of Belo Horizonte regarding *Valores e religião na região metropolitana* (Values and religion in the metropolitan region), which was carried out in 2012. The reading proposed by this article focuses especially on what the data from these investigations say about the Catholic Church. After commenting briefly on some elements presented by the research, the text proposes some interpretative keys. The first is a socio-religious reading, showing that the steep decline in rates of belonging to Catholicism is the result of the shift from an “environmental” and “natal” type of religion to a religion of “conviction,” with a “confessional” nature. Secondly, the article presents some roots of this way of understanding faith in the New Testament and in the Second Vatican Council’s reading of the nature and mission of the Church. Finally, it concludes with some pastoral considerations, pointing not so much to solutions regarding the decline in Catholic belonging, but rather to the attitudes that a “confessional” church should have in our time.

Key-words: IBGE Census 2010. Census data on religions. Catholic Church in Brazil. Theological reading

Artigo recebido em 25 de outubro de 2012 e aprovado em 12 de novembro de 2012.

* Doutor em Teologia pela Universidade Católica de Louvain (Bélgica). Professor de Teologia Bíblica da FAJE. País de origem: Bélgica. E-mail: konings@faculdadesuita.edu.br

** Doutor (2002) e mestre (1996) em Teologia pelo Centre Sèvres - Facultés Jésumes de Paris (França), professor adjunto no Departamento de Teologia da FAJE, Diretor e Coordenador da Pós-Graduação. País de origem: Brasil. E-mail: geraldodemori@faculdadesuita.edu.br

Introdução

Este artigo objetiva tecer comentários iniciais ao *Censo Demográfico 2010*, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2012), levando em consideração, também, outras pesquisas recentes. Não podemos fazer, aqui, uma análise exaustiva, mas apenas formular hipóteses e interpretações, que deverão ser submetidas a verificação e discussão mais profundas. Ater-nos-emos, principalmente, ao que diz respeito à Igreja Católica, porém, para perceber bem a relevância dos dados em relação a ela será necessário contemplar, ainda, alguns dados comparativos de outras denominações e religiosidades.

1 Os dados estatísticos

Como nem todos têm acesso às principais fontes, o *Censo Demográfico 2010* (IBGE, 2012) e o *Novo Mapa das Religiões*, da Fundação Getúlio Vargas (FGV) (NERI, 2011), referente ao ano de 2009, inicialmente, reproduzimos alguns dados, relativos, em especial, à Igreja Católica e comparados, havendo relevância, com outros grupos.

Os resultados do Censo 2010 mostram o crescimento da diversidade dos grupos religiosos no Brasil, revelando maior pluralidade nas áreas mais urbanizadas e populosas do país. Uma primeira implicação dessa diversificação é que a Igreja Católica romana deixa de deter o quase monopólio religioso no Brasil. A pesquisa da FGV (NERI, 2011, p. 7) mostra a continuada queda do percentual de católicos romanos: 93,07 em 1960; 91,77 em 1970; 88,96 em 1980; 83,34 em 1991; 73,89 em 2000; e 68,43% em 2009. Os dois últimos números são confirmados, dentro das margens de incerteza, pelo IBGE (2012, gráficos 36-37): 73,6 em 2000; 64,6% em 2010.

Segundo os dados do IBGE (2012, tabela 12), o contingente populacional católico teve redução em todas as ‘Grandes Regiões’ do Brasil, mantendo-se mais elevada nas regiões Nordeste (de 79,9% para 72,2%) e Sul (de 77,4% para 70,1%). A

maior redução relativa dos adeptos do catolicismo ocorreu na Região Norte, de 71,3% para 60,6%. No Sudeste a diminuição foi de 69,2% para 59,5% e no Centro-Oeste ela foi de 69,1% para 59,6%.

O IBGE mostra, ainda, além da situação estacionária da umbanda/candomblé (3,0%), o crescimento dos evangélicos (de 15,4% em 2000 para 22,2% em 2010), dos espíritas (de 1,3% em 2000 para 2,0% em 2010), das outras religiosidades (de 1,8% para 2,7%) e dos 'sem religião' (de 7,4% para 8,0%). Supõe-se que os católicos estejam migrando para essas formas de religiosidade.

Quanto aos evangélicos, constata-se um aumento dos pentecostais em todas as Grandes Regiões do país (de 10,3% para 13,3%), enquanto a população que se declara evangélica de missão (evangélicos históricos) teve ligeira redução (de 4,1% para 4,0%), fenômeno evidenciado nas regiões Sul e Sudeste, onde, historicamente, os evangélicos de missão eram mais numerosos (de 4,3 + 5,7% para 3,9 + 5,0%). Esse dado é importante, porque esses grupos possuem características próximas da Igreja Católica. Os evangélicos pentecostais crescem expressivamente nas regiões onde há mais indígenas (de 14,4% para 20,1% no Norte e de 13,4% para 16,6% no Centro-Oeste), bem como nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, além de áreas metropolitanas da Região Nordeste (IBGE, 2012, p. 93).

Entre os espíritas, o aumento mais expressivo foi observado nas regiões Sudeste (de 2,0% para 3,1%) e Sul (de 1,9% para 2,3%), as regiões de catolicismo e protestantismo histórico mais bem organizadas! Os espíritas têm sua densidade mais forte no Triângulo Mineiro, em Campo Grande-MS e Cuiabá-MT, com presença notável na parte meridional do Rio Grande do Sul, onde também há forte concentração da umbanda.

Os sem religião situam-se, sobretudo, na Baixada Fluminense e nos interiores da 'Amazônia Legal' (regiões Norte e Centro-Oeste), razão para não orientar a interpretação imediatamente na direção do pós-cristianismo urbano secularizado! Voltaremos a isso adiante. Casualmente, são as mesmas regiões nas quais temos avanços notáveis dos pentecostais e neopentecostais (IBGE, 2012, p. 93).

A população católica tem maior representatividade relativa nas áreas rurais, 77,9%, contra 62,2% na área urbana. Surpreende que, dos que se declaram católicos romanos, 65,5% são homens, contra 63,8% entre as mulheres. Também entre os sem religião os homens são a maioria (9,7% x 6,4%), enquanto nos demais grupos religiosos as mulheres formam a maioria (IBGE, 2012, tabela 13).

A média de idade dos católicos é de 30 anos, com proporções maiores acima de 40 anos, ou seja, na idade das gerações que se formaram em períodos de maior hegemonia católica. Os espíritas também apresentaram maiores proporções em idades mais avançadas; sua média é de 37 anos. Os evangélicos pentecostais são, na média, mais novos (27 anos) e têm suas maiores proporções entre as crianças e adolescentes. Quanto aos sem religião, essa opção é mais frequente entre jovens e jovens adultos, com idade entre 15 e 29 anos (IBGE, 2012, p. 100). Ao lado da alta dos sem religião, nessa idade, a porcentagem, não só de católicos, mas, ainda, de outras religiões, mostra notável diminuição. Em 2010, esses números são mais claros que em 2000, e, além disso, o fenômeno dos sem religião parece iniciar mais cedo. Em 2000, dos jovens de 15-17 anos, 8,5% se declaravam sem religião; em 2010, na mesma idade, foram 9,4%.

Percebem-se algumas aproximações entre a origem étnica e a religião. Em relação ao catolicismo, a participação dos amarelos (1,0%) é inferior à proporção nacional (1,1%); é bom saber que quase a metade deles é budista. Os indígenas também ficam aquém da proporção nacional, que é de 0,4%: entre os católicos são 0,3%, mas, entre os evangélicos de missão, 0,7%, e, entre os pentecostais, 0,5%. Os classificados de cor 'preta' (7,5% do total nacional) constituem 6,8% dos católicos, contra 21% dos que se declaram de umbanda ou candomblé (a proporção de brancos na umbanda/candomblé, 47,1%, é quase a mesma que a proporção dos brancos na nação, 47,5%). A religião mais branca é o espiritismo (68,1% de brancos, contra 48,8% no catolicismo e 44,4% nas diversas igrejas evangélicas) (IBGE, 2012, tabela 15).

Quanto à situação socioeconômica e cultural, o número de não alfabetizados é maior entre os católicos (10,6%) e os sem religião (9,4%), enquanto no

espiritismo e na umbanda/candomblé esses índices são os mais baixos (respectivamente 1,4% e 3,8%)! É sabido, também, que tanto o espiritismo quanto o candomblé (mais que a umbanda) se espalham, sobretudo, entre pessoas com formação superior. Se, dos católicos, 9,4% têm nível superior completo, na umbanda/candomblé 12,9% têm esse nível e no espiritismo, 31,5%.

Que o protestantismo histórico ou de missão agrega porcentagem maior de alfabetizados (95,5%, contra 89,4% no catolicismo) não é de admirar, pois é conhecido seu empenho em familiarizar seus fiéis com a leitura da Bíblia; a porcentagem de pessoas com Ensino Superior completo (12,1%) é mais alta que entre os católicos (9,4%). O pessoal das igrejas pentecostais é levemente mais alfabetizado que os católicos (o que pode ter relação com a leitura da Bíblia), mas os níveis de instrução superior são mais humildes (4,1% com nível superior completo). Vale observar, ainda, que o item 'sem religião' não é um privilégio de intelectuais; se há bom número de alfabetizados (90,6%), os com instrução superior completa (8,2%) são um pouco mais raros que entre os católicos (IBGE, 2012, p. 103-104).

Quanto ao rendimento domiciliar *per capita*, 55% dos católicos, 63% dos evangélicos pentecostais e 59% dos sem religião estão na faixa até 1 salário-mínimo. Por outro lado, os mais ricos são os espíritas, dos quais 19,7% recebem acima de 5 salários-mínimos (IBGE, 2012, p. 104).

Resumindo: o catolicismo conhece, sobretudo desde 1970, uma queda sempre mais acentuada, mostrando tendência ao envelhecimento, mas continua sendo a religião popular, mais presente no campo que nas grandes cidades, bastante acolhedora para as diversas categorias de renda, cor e instrução.

2 Amostra: Belo Horizonte

Apresentamos, aqui, alguns dados de tipo mais qualitativo, colhidos em uma pesquisa feita na Região Metropolitana de Belo Horizonte (CAMARGOS, 2012). Belo Horizonte é uma cidade mais ou menos representativa para o catolicismo no Brasil na época pós-conciliar, nem muito avançada, nem muito conservadora. A Igreja Católica em Belo Horizonte mostrou-se relativamente dinâmica, destacando-se por seus sucessivos planos de ação pastoral e combinando a novidade com a sólida tradição católica de Minas Gerais.

Em uma primeira leitura, tem-se a impressão de que, em Minas Gerais, a diminuição dos católicos não se deve tanto a razões filosóficas e bem mais a questões práticas. Um fator muito importante na preferência religiosa é a experiência subjetiva do encontro com Deus (ou de ‘encontrar Jesus’) e a sensação de paz.

Olhando os quadros gerais, percebe-se na pesquisa da Região Metropolitana de Belo Horizonte a mesma diminuição dos católicos constatada pelo IBGE para o país em geral. Dos 2.826 entrevistados, 84% tinham como religião de família o catolicismo; hoje, apenas 60% são católicos! Para os neopentecostais, esses números sobem de 4% para 13%, para os pentecostais, de 5% para 9%, para os protestantes históricos, de 3% para 6%, para os sem religião, de 1% para 6%, e para as religiões afro-brasileiros de 0% para 1% (CAMARGOS, 2012, p. 10 e 13). Não que haja uma revolta contra a Igreja Católica. Os que permanecem católicos, 8 de cada 10 sentem-se satisfeitos no campo teológico, porém, quanto à moral sexual, percebem-se variações significativas: 9,5/10 defendem a fidelidade matrimonial monogâmica, mas só 1,4/10 condenam o uso de preservativos nas relações sexuais (CAMARGOS, 2012, p. 46). Quase a metade admite o aborto em caso de estupro (CAMARGOS, 2012, p. 52). Quanto às divergências entre a doutrina oficial e a opinião dos católicos, destaca-se a questão do celibato sacerdotal (CAMARGOS, 2012, p. 58).

Quando são analisadas as respostas individuais, percebemos do lado negativo: os ‘dogmas’ (quer dizer: ensinamentos), o moralismo, o sentimento de culpa, o medo, certas regras morais (proibição de anticoncepcionais, de aborto em caso de estupro); questões de divórcio e segunda união; a monotonia, a repetitividade, o formalismo da liturgia, julgada pouco envolvente e bastante complicada (o culto e o louvor são melhores que a missa!); a falta de união entre as pessoas nas comunidades paroquiais, que são muito grandes e anônimas; a burocracia, a falta de acolhimento e de contato direto por parte do padre; a falta de seriedade por parte dos fiéis, que vão lá por tradição ou obrigação; a apropriação de igrejas e capelas por ‘panelinhas’; a falta de participação na organização e nas decisões; exagerada devoção aos santos e até certa idolatria de Maria; casos de recusa de batizar filho de mãe solteira; falta de evangelização; ausência nas favelas, ao lado de igrejas de luxo, ‘castelos’. Não há muita simpatia pelo atual papa. Critica-se o aspecto poderoso e ‘subsidiado’ (ao contrário dos evangélicos), o celibato por tabela. Mencionam-se os abusos por parte dos padres. Alguns acham que os padres se metem demais em política. Assunto muito controvertido são as celebrações de casamento, mas geralmente só no nível de evento social. Uns poucos criticam a mentalidade materialista e exterior de quem vai à igreja.

Claro, muito do que se critica encontra-se, também, em outras igrejas, mas as respostas mencionam que os evangélicos são, em geral, mais firmes no combate às drogas e ao álcool e melhores no atendimento, no acompanhamento próximo, na música... e na acústica! Os evangélicos mostram mais sua convicção, estão mais presentes nos hospitais e nos presídios, mas há muito fanatismo, muito controle... Não se é cego à questão da rotatividade, da mudança por mudar, só para encontrar novidade que depois vira mesmice etc. Alguns percebem os furos da religião comercializada e midiaticizada, da religiosidade exibicionista; percebem que “presente de Deus” no carro pode ser uma forma de autoafirmação (“consegui!”) etc.

Pelo lado positivo, o povo valoriza os serviços de fraternidade, creches e escolas, ação social e educativa, cursinhos, experiências boas em comunidades

menores, os exemplos de padres, religiosos e religiosas generosos, heroicos, até; religiosos/as que cuidam das pessoas da rua; grupos de oração ou Bíblia em família. Dá-se muita importância à acolhida, à acessibilidade de padre, sua presença junto ao povo. A pastoral do batismo é geralmente valorizada, bem como a atuação de ministros leigos. Os jovens gostam de liturgias criativas, de padres que se apresentam como eles, desde que tenham conteúdo; e de uma pastoral que crie comunidades, citando cidades onde isso acontece mais que em Belo Horizonte. Há apreço por bons pregadores, e pelos padres televisivos, porque suscitam certo sentimento de presença na vida cotidiana e alguns deles comunicam mensagens profundas; mas também há muita crítica.

Em geral, os católicos praticantes julgam que a Igreja Católica, hoje, está melhor que antes, mais acessível, porém, menos instruída em práticas e deveres... Reconhece-se que a Igreja Católica está se 'renovando', quer no sentido da abertura e renovação pós-conciliar, quer no sentido da Renovação Carismática, Canção Nova etc. Valoriza-se a renovação bíblica, a pregação a partir da Bíblia, a Campanha da Fraternidade. Pede-se mais insistência e criatividade no trabalho com os jovens. Deseja-se que o padre tenha algo mais profundo que um diploma de faculdade. Há certo número de leigos que subscrevem o mote "a Igreja somos nós".

Na realidade, a adesão à Igreja Católica não vem, em geral, de uma opção consciente profunda. É mais emocional, tradicional, e muitas pessoas não compreendem pessoalmente sua pertença eclesial. Nas respostas aparece muita inexatidão, as pessoas não conseguem distinguir entre culto e missa, entre pai de família que se tornou padre e padre que tem filho por outro caminho, entre padre e seminarista, entre venerar e adorar imagem, entre Igreja Católica renovada e a 'Igreja Católica Brasileira'... Confundem-se os personagens bíblicos, confunde-se Bíblia com ciência. Acham São Judas Tadeu o máximo... Frequente é o sincretismo entre catolicismo e espiritismo. Não admira que, entre os entrevistados que são praticantes, diversos criticam a falta de conhecimento dos próprios católicos.

Pode ser que a Igreja Católica e sua 'doutrina' sejam, de fato, um tanto complexas, pouco transparentes. Impressiona que só excepcionalmente se fala em

Jesus Cristo, não se faz distinção entre ser religioso e ser cristão, ser católico é apenas uma maneira de ser religioso ou de cumprir um dever. Parecem mais católicos que cristãos. Há muito mais atenção para o culto que para as comunidades de base. Outra coisa que impressiona é que tudo gira em torno do padre. Esse é um elemento que deve ser refletido: ter contato pessoal e acolhida personalizada é coisa impossível em uma igreja urbana, se se espera tudo da pessoa do padre. Pouco se vê a vida de fé como João (13,35) (“... se vos amais uns aos outros”) ou como Tiago (1,7) (“visitar os órfãos e as viúvas...”). Como teólogos, temos a impressão de que as pessoas vivem outra religião que não aquela que explicamos na faculdade...

3 Primeiras reações

Quanto à pesquisa do IBGE, vimos reações em duas direções opostas. Uma, de quase fatalismo: admite-se, e lamenta-se, que a Igreja, de fato, vai mal, e seguem-se as explicações mais diversas... Outros, porém, reagem, com inabalável segurança, no sentido oposto: a porcentagem de católicos diminuiu, mas – dizem – em números absolutos, nem tanto, e o número de padres e de paróquias aumentou consideravelmente. Observe-se, porém, que o aumento numérico de paróquias e padres pouco mais que acompanhou a aumento numérico (absoluto) da população em geral...

Reflexões mais ponderadas apontam na direção quer da crescente secularização, quer de uma ‘purificação’ do catolicismo, no seguinte sentido: o catolicismo está saindo do regime de ‘religiosidade herdada’ ou ‘ambiental’ para o cristianismo de opção ou de convicção. É o que se verificou na França durante os séculos XIX-XX. Talvez estejamos no início de um processo semelhante. Em outra terminologia, poder-se-ia dizer: estamos passando de um catolicismo de ‘cristandade’ para um catolicismo de opção pessoal e de comunidades conscientes. Seria análogo ao catolicismo de minoria/s que vem sendo descrito há meio século, por diversos teólogos, desde Joseph Ratzinger até Juan Luis Segundo.

O fenômeno foi percebido pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). As *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2008-2010* (CNBB, 2008), e, com mais insistência, as de 2011-2015 (CNBB, 2011), embora não mencionem a diminuição numérica, falam repetidas vezes do problema da transmissão da fé e da conversão pastoral. Será que a diminuição numérica está sendo interpretada, implicitamente, como um problema de transmissão da fé? Isso certamente contém boa parte de verdade, mas convida, também, a levantar uma pergunta mais fundamental: de onde vem esse problema de transmissão?

Para interpretar melhor a queda numérica, devemos juntar, à constatação da diminuição católica, a queda constatada no protestantismo histórico ou ‘de missão’ (luteranos, presbiterianos, episcopais). Será mera coincidência ou será que eles têm algo em comum com o catolicismo? Imediatamente se pensa que tanto os católicos como os protestantes históricos possuem ‘dogmas’ e estruturas mais antigas, marcadas pela Idade Média ou pela Modernidade, menos ‘leveza’ pós-moderna. Contudo, a questão não deve ser principalmente de leveza x rigidez, pois dificilmente se dirá que os católicos ou episcopais sejam mais rígidos que a Igreja do Evangelho Quadrangular!

Quanto aos evangélicos pentecostais ou neopentecostais, percebem-se variações entre as igrejas, como, por exemplo, a pulverização da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). Em seu conjunto, porém, continuam crescendo. Portanto, não vale dizer: “A IURD também diminuiu!”, pois ela se multiplicou. Só se pode dizer que seus fiéis não mostram muita fidelidade, o que confirma a já conhecida observação de que as igrejas desse tipo são de ‘alta rotatividade’ (MARIANO, 1999). Não é imitando-as que a Igreja Católica recuperará o ‘terreno perdido’, caso isso fosse uma prioridade – coisa que discutiremos adiante.

Em relação aos evangélicos, observamos, ainda, que, pela primeira vez, aparece estatisticamente (NERI, 2011) a categoria de ‘evangélicos não praticantes’, elemento a ser levado em conta na hora do diagnóstico geral.

Embora se trate de números absolutos humildes, o crescimento das ‘outras religiosidades’ mostra um aumento porcentual notável. Se a umbanda e o candomblé praticamente estacionam em 0,3%, a religião espírita cresce, de 2000 a 2010, de 1,3% a 2,0%, demonstrando grande aceitação entre pessoas com formação superior; e as ‘outras religiosidades’, entre as quais as orientais, passam de 1,8% a 2,7%, também com notável presença entre os mais instruídos.

A primeira impressão é de que as pessoas não sentem mais a ‘obrigação’ de ser católicas e nem mesmo cristãs para ser religiosas. E podemos dizer mais: também não se sentem mais obrigadas a pertencer a alguma religião organizada. Apresenta-se, aí, o enigma dos ‘sem religião’, que crescem de 7,4% a 8,0%, tanto em algumas regiões metropolitanas como em regiões periféricas ou interioranas. Trata-se de ateus, de agnósticos ou de pessoas ‘religiosas’ que preferem não se ligar a nenhuma religião organizada? Seja como for, o fenômeno obriga a questionar o mote que diz que os brasileiros são ‘naturalmente religiosos’.

As estatísticas revelam, ainda, uma surpresa quanto ao pressuposto de que as mulheres mantenham mais a religiosidade que os homens: a porcentagem de mulheres no catolicismo é menor que a dos homens, e entre os que se declaram sem religião a porcentagem de mulheres supera a dos homens. Para o catolicismo, isso significa que não se poderá mais contar com as mulheres como principais transmissoras da fé, na família e na sociedade. É difícil retrair o deslocamento das mulheres e identificar suas motivações. Suspeita-se que a crescente autonomia das mulheres e a evolução dos conceitos em torno de família e sexo têm um papel importante nesse fenômeno. A importância dos fatores subjetivos constatada em Belo Horizonte pode ser uma indicação.

O censo por idade confirma o que muitos observaram: a ausência de jovens nas igrejas. Verdade é que eles participam de encontros e cultos de louvor que até podem tomar forma de *show*, mas, pelo que dizem as estatísticas, o número de fiéis entre eles não está aumentando.

4 Interpretações sociorreligiosas

Que o catolicismo e, talvez em medida menor, as igrejas protestantes históricas conhecem no Brasil uma diminuição, não só nos últimos 10 anos, mas já de uns 40 anos para cá, é uma constatação ineludível.

O fenômeno parece estar relacionado a mudanças sociológicas, principalmente a urbanização, pois a Igreja Católica (e a luterana, em algumas regiões) era fortemente rural, e a tendência a ter comunidades religiosamente homogêneas é mais forte na vida rural, de estrutura patriarcal e forte controle social, que na moderna vida urbana.

Fatores econômicos também entram em consideração. Problemas financeiros e/ou de saúde podem levar as pessoas aos cultos neopentecostais, sobretudo aqueles que acentuam os milagres, promessas, descarregos etc. Verdade é que em certos setores da Igreja Católica tais cultos estão sendo celebrados, com notável afluxo de participantes, porém, não na proporção e, sobretudo, não com o zelo proselitista demonstrado por algumas igrejas neopentecostais.

Considere-se, ainda, que o cristianismo brasileiro, sobretudo na vertente católica, está habituado ao sincretismo, acolhendo em si muitos elementos de tipo mágico. A maior sobriedade do catolicismo pós-Vaticano II afastou até certo ponto esses elementos, agora retomados, sobretudo, pelas denominações neopentecostais (e, sob outro aspecto, por certos setores da Igreja Católica).

Para a atual pulverização e pluralização do campo religioso brasileiro contribuiu também, decerto, a irrupção do sujeito moderno, fenômeno que se dá, sobretudo, nas grandes cidades. Agora, nas sociedades pós-modernas, esse fenômeno não é negado; ele é, antes, exacerbado, pois, mais que “grandes relatos”, cada um busca construir o próprio relato, o que não deixa de ser expressão de uma hermenêutica na qual cada um possui sua verdade e a constrói.

Uma última observação: o quadro constatado, sobretudo da queda do catolicismo, vale para o futuro? A curva conhece uma queda acelerada entre 1970 e 2010, sem sinal de reerguimento, a não ser o breve *status quo*, segundo a FGV

(NERI, 2011, p. 7) entre 2000 e 2003¹. Se se correlaciona a queda do catolicismo (e do protestantismo histórico) com a urbanização e a emancipação da razão técnico-científica, como geralmente se faz para o fenômeno da secularização no Hemisfério Norte, não se deve esperar tão cedo uma inflexão para cima. Porém, o catolicismo brasileiro não tem as mesmas características da Bélgica, da Holanda ou da Alemanha. Alguma semelhança com Portugal e Itália talvez poderia ser alegada. A sociedade pode mudar, mas o perfil do catolicismo, também. Seria, portanto, imprudente, do ponto de vista sociocultural, tirar conclusões precipitadas em relação ao futuro.

5 Leitura teológica

Diante do quadro constatado, o que diz o teólogo? Claro, depende de qual teólogo. Pode-se interpretar o quadro como resultado do trabalho do demônio e organizar uma cruzada de orações para que Deus inverta o quadro. O moralista, julgando que tudo é consequência do pecado, pregará um rearmamento moral. E não seria de todo inútil. Porém, dentro de uma eclesiologia atual, baseada no pensamento do Concílio Vaticano II, podemos perguntar se a Igreja Católica, e, também, o cristianismo mais consciente em outras igrejas, não está se aproximando de maior autenticidade que antes, tornando-se uma Igreja verdadeiramente ‘confessante’ em vez de principalmente socioambiental.

Uma leitura do Novo Testamento já aponta para esse tipo de compreensão do que é a fé e a Igreja à luz do evento Cristo. A religião dos sinais e dos milagres, das observâncias previstas pela sinagoga e pelo templo, da pertença étnica ou herdada da tradição, cede lugar ao seguimento de Jesus, que implica “carregar a própria cruz”, “perder a vida”, ou seja, responder um chamado, fazer uma opção (Mt 16,21; Mc 8,34-38), na qual o sujeito/indivíduo em busca de sentido é requisitado. Não se trata mais de uma religião ligada a um lugar específico, mas

¹ Esse breve *status quo* coincidiu com uma diminuição dos ‘sem religião’ (NERI, 2011, p. 8). Não temos meios de analisar melhor esse ‘pulo’ na estatística da FGV, mas sobre o horizonte de quarenta anos ele não parece decisivo.

que supõe a adoração do “Pai em espírito e verdade” (Jo 4,21-23). A comunidade dos discípulos de Jesus é levada a realizar essa mudança radical no que, até então, compreendia-se como religião. Entre seus membros, o que quer “ser o maior deve fazer-se pequeno” (Mt 18,1-4; Lc 9,48), o que “quer ser o primeiro deve ser o último e o servidor de todos” (Mt 20,26-27; Mc 9,35; Lc 22,24-27). Essa comunidade é chamada a praticar o perdão recíproco (Mt 18,15-18.21-22), a repartir os bens, para que não haja indigentes (At 4,32.34-35), a viver na comunhão e na união fraterna (At 4,32). Seu testemunho a faz bem vista por todos (At 4,33), transformando-se em “sal da terra e luz do mundo”, como desejara o Mestre (Mt 5,11-16). Como Igreja de Cristo, ela se autocompreende como seu Corpo, no qual cada membro é importante e coloca seus dons a serviço de todos (1 Cor 12,12-30; Cl 1,22-23). Feita de judeus e gentios, ela reconcilia o que na história humana é fonte de conflitos: a diferença entre mestre e escravo, homem e mulher, judeu e gentio (Gl 3,28).

Nos primeiros séculos, essa maneira de se autocompreender permaneceu muito viva na Igreja, que constituía uma minoria e fazia a diferença no seio do império romano. É o que mostra a *Carta a Diogneto*, do séc. II, ao reconhecer que os cristãos não se distinguem dos demais cidadãos do império “nem pela terra, nem pela língua, nem pelos costumes” (FIGUEIREDO, 1976). Viviam no mundo como “peregrinos” e “estrangeiros”, acreditando ser nele o que a alma era para o corpo. Seu testemunho incomodava, por isso, eram perseguidos. Não hesitavam, porém, em dar a vida por aquilo em que acreditavam. Ao se tornar religião do império, o testemunho cristão arrefeceu, mas nunca desapareceu. É o que mostram os inúmeros movimentos de renovação que surgiram no seio da igreja ao longo dos séculos, que se inspiram no caminho inaugurado pelo próprio Jesus e no que esse caminho engendrou no início do cristianismo.

O Concílio Vaticano II é um desses movimentos². Ele ajudou a Igreja Católica a repensar sua natureza e missão em um mundo em profunda mudança. Após longos séculos de amálgama com a sociedade, que começou com a ‘conversão’

² Para os textos do Concílio citados abaixo, cf. Concílio Vaticano (1968). Utiliza-se a consagrada abreviação do documento *Lumen gentium*: LG.

do Império Romano e deu origem ao regime de cristandade, a Igreja se deu conta das mudanças radicais impostas ao crer na época moderna. Sem renunciar à autoconsciência de ser “em Cristo como que o sacramento ou o sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano” (LG 1), ela revê seu ensinamento sobre si. Recorre, para isso, a uma releitura de sua natureza, indissociável da missão do Cristo, que “inaugurou na terra o Reino dos céus, revelou-nos Seu mistério e por Sua obediência realizou a redenção” (LG 3). Servidora do Reino (LG 5), ela é santificada perenemente pelo Espírito Santo (LG 4), tornando-se no mundo o Corpo místico de Cristo, anunciadora de sua Palavra e difusora de sua vida nos crentes que, pelos sacramentos, são unidos ao seu mistério pascal (LG 7).

Essa compreensão ‘mistérica’ e sacramental da Igreja ganha visibilidade e historicidade nas demais partes do texto conciliar. É o que mostra a adoção da categoria ‘povo de Deus’ como primeira instância para pensar a existência concreta da Igreja, que tem no sacerdócio comum a todos, dado pelo batismo, a fonte da vocação comum a todos os fiéis (LG 9-17). A hierarquia aparece, então, como servidora desse povo (LG 18-29), todo ele chamado à santidade (LG 39-42), seja através do testemunho laical (LG 30-38), seja através do testemunho da vida consagrada (LG 43-47). Essa releitura da natureza e da missão da Igreja ganhou na América Latina, com as conferências de Medellín e Puebla, uma nova reinterpretação: a da opção pelos pobres. Ela contribuiu para a formação de uma Igreja samaritana, servidora dos que sofrem todo tipo de exclusão e injustiça. Certamente, a participação e o testemunho nesse tipo de Igreja são muito exigentes. Supõem um contínuo deslocamento, interior e exterior. Não é fácil colocar-se nas fronteiras do serviço a uma humanidade aviltada e oprimida. Tampouco é fácil viver à margem e sem grandes esperanças de mudança. Jesus não escolheu, porém, o caminho fácil das riquezas, da honra ou do poder. Preferiu a via da pobreza, da humilhação e da impotência. Nela, encontrou o caminho que humaniza e leva a Deus. A contemplação dessa via não seria o caminho a privilegiar

para redescobrir o caminho do testemunho cristão nesse tempo em que predomina a religião em detrimento da fé?

6 Reflexão pastoral

Acabamos de esboçar um conceito da Igreja como testemunha de Cristo “luz das nações” (*Lumen gentium*). Igreja de qualidade mais que de quantidade; de serviço e de opção pelos pobres mais que de poder sociopolítico; Igreja fermento na massa e rede de comunidades mais que organização territorial (quase feudal). À luz de tal conceito, como interpretar os dados sociológicos acima arrolados e quais as perspectivas pastorais que se apresentam?

Se pensamos, realmente, em uma igreja ‘confessante’ e não meramente sociológica, não podemos deixar-nos impressionar, muito menos exacerbar, pelo fato de não todos, mas apenas 2/3 da população se declararem católicos. Se na Alemanha de Hitler 2/3 do povo tivessem pertencido à ‘Igreja confessante’ do teólogo-mártir Dietrich Bonhoeffer, não teria havido nem Guerra Mundial nem Shôah (Holocausto).

Ao elaborar tal raciocínio, porém, é preciso perguntar se não foram exatamente os católicos mais comprometidos que saíram da Igreja. Nesse aspecto, é bom fazer uma distinção entre o Brasil e outros países, sobretudo europeus, onde a desistência dos católicos ganhou conotação de revolta contra a Igreja e suas estruturas, tendência mais notável ainda depois dos escândalos da pedofilia (que agora mostram não ser nenhum privilégio da Igreja Católica, nem de outra, mas segredo bem guardado de todos os setores da sociedade...).

Ao analisar a pesquisa qualitativa referente a Belo Horizonte, que tem certa representatividade para o catolicismo majoritário do Brasil, não se constata tal ranço por parte dos que saem da Igreja Católica. As razões principais da mudança de Igreja são bastante subjetivas: maior satisfação, melhor atendimento encontrado, muitas vezes naquilo que não ocupa o primeiro lugar na teologia católica pós-conciliar.

Por outro lado, a relativa serenidade diante do fenômeno da diminuição não dispensa de lembrar a convicção de que a Igreja é um meio de salvação *para todos*. Decerto, o “*extra Ecclesiam nulla salus*” (fora da Igreja não há salvação) agora não está mais sendo entendido em um sentido exclusivo, mas em um sentido historicamente situado (contra os donatistas) e em uma hermenêutica inclusiva (toda a salvação, mesmo fora das estruturas visíveis da Igreja, é a mesma que passa por Cristo e por sua Igreja).

A Igreja comunidade testemunhal não pode desistir de sua vocação evangelizadora universal. Porém, o modo de dar testemunho deverá ser diferente do passado. Sem desprezar o trabalho heroico dos missionários da primeira hora na América Latina, devemos reconhecer que não é batizando indiscriminadamente que se forma uma Igreja consciente e confessante. A Igreja em que pensamos será, antes, um foco de luz para todos os que buscam Deus com coração sincero, dentro ou fora das estruturas visíveis da Igreja. O decisivo não é a pertença visível à Igreja, mas o encontro com a salvação que Jesus revelou na história humana – mesmo quando nem se conhece o nome de Jesus. Testemunho silencioso, porém, eloquente, como o de Charles de Foucauld entre os tuaregues e o dos monges franceses recentemente martirizados na Argélia, como se vê no filme “Deuses e homens”. Testemunho do amor e da justiça.

Põe-se, assim, a questão da visibilidade, em que muito se insiste hoje. Ora, depende de qual visibilidade. “Vós sois a luz do mundo. Uma cidade situada em cima de um monte não pode ficar escondida. Não se acende uma lâmpada para colocá-la debaixo do recipiente para medir, mas sobre o candeeiro, de modo que brilhe para todos os que estão na casa. Assim brilhe a vossa luz diante de todos, para que vejam vossas boas obras e louvem vosso Pai celeste” (Mt 6,14-16). A finalidade da visibilidade não é ficar *en vedette*, mas suscitar gratidão e louvor ao “Pai das luzes” (Tg 1,17).

Essa questão exige maduro discernimento. O sucesso das igrejas midiáticas também inspirou clérigos e leigos católicos a pôr em evidência a Igreja nos meios de comunicação. Porém, o próprio meio de comunicação pode ter uma mensagem

embutida (“O meio é a mensagem”, disseram MCLUHAN; FIORE; AGEL, 1969). Uma coisa é um programa de rádio que comunica notícias da comunidade local, ou instrui a cozinheira durante a manhã, ou mantém o motorista de táxi acordado durante a noite. Outra coisa é um *show* televisivo que envolve o espectador em um mero emocionalismo e transforma o padre em astro midiático, fazendo do conteúdo cristão apenas um *décor*. A questão é delicada; baste aqui a advertência. Não é imitando aquilo que leva os fiéis fracos para fora de nossas comunidades que vamos constituir comunidades conscientes.

Isso não quer dizer que não podemos, e não devemos, utilizar, com critério, a linguagem e o estilo a que os jovens estão acostumados. Jesus falou ao modo de seu povo, e nem sempre de modo teologicamente correto (por exemplo, quando diz que o servo infiel será cortado pelo meio, ou que se dá a quem tem, como fazem nossos bancos de crédito). Mas é preciso ter claro aquilo que se comunica, a mensagem real veiculada por essas formas de linguagem e estilo!

O mais importante, porém, é lembrar que a verdadeira visibilidade dos discípulos de Jesus existe no amor fraterno: “Nisso todos reconhecerão que sois discípulos meus, se vos amardes uns aos outros” (Jo 13,35). “Vede como eles se amam” (Tertuliano). Esse amor, porém, que se comprova *ad intra*, dentro de casa, é uma luz que brilha *ad extra*, para os de fora. Não se trata de “conventículos” fechados, mas de cristãos à luz do dia, cidadãos da humanidade. O amor fraterno de comunidade é um testemunho público e não pode excluir, evidentemente, quem não é da comunidade. Novamente, o filme “Deuses e homens” é uma boa ilustração desse princípio. E testemunham a mesma coisa os missionários que no meio dos indígenas ‘vivem a luz que é Cristo’ sem ‘enquadrar’ os indígenas na estrutura católica.

O modelo global de Igreja por trás dessa visão é a Igreja feita de comunidades, não a organização mundial repartida em feudos.

A paróquia poderá ser um ponto de referência, inclusive de serviço eclesial e social, mas não substitui a prioridade das comunidades que podem nascer de

relações humanas nos mais diversos níveis e ambientes: desde capelas de bairro até comunidades por afinidade que atravessam as fronteiras paroquiais. Todas elas deverão contar com o apoio da Igreja do lugar, cujo chefe é o bispo.

Outro corolário dessa visão é o caráter público da teologia, ou seja, do discurso cristão. A teologia não deve falar apenas para si mesma, mas para o mundo. Dar as razões da esperança (1 Pd 3,15), não só para quem a tem, mas para quem é convidado a tê-la.

A finalidade da Igreja não é a Igreja, mas a autorrevelação amorosa e salvadora de Deus ao mundo em Jesus de Nazaré. Assim como a Palavra de manifestação de Deus é maior que a Bíblia, assim também a manifestação da salvação é maior que a Igreja. Por isso mesmo, a Igreja Católica – exatamente por se chamar católica – deve destinar seu testemunho por palavra e ação não só aos de dentro, mas, também, aos de fora, mesmo enquanto estiverem em outra estrutura religiosa ou humanista. A Igreja é sacramento, sinal visível e eficaz de salvação, mas ela não é o cabedal exaustivo da salvação. No contexto atual, isso tem consequências que alguns talvez não gostem de admitir.

De alguns séculos para cá, a manifestação salvadora de Deus em Jesus Cristo começou a ser indicada, preferencialmente, com o termo que Jesus usou em sua pregação, o Reino de Deus. Não se esqueça, porém, a origem histórica dessa preferência, que transparece na frase irônica do teólogo modernista Alfred Loisy (1902): “Jesus anunciou o Reino, e o que veio foi a igreja”. Mesmo na Bíblia, o Reino de Deus não é uma noção muito antiga. Aparece na Escritura no tempo do apocalipsismo (Dn 7). É provável que Jesus tenha utilizado esse termo por ser linguagem de seu tempo, correspondendo ao imaginário de seu povo nos tempos de opressão sob os impérios helenista e romano. Mas não deixa de ser uma *metáfora* de algo que não se pode situar. “O reino de Deus não vem de modo observável, não se dirá: ‘Está aqui’ ou ‘Está ali’, pois eis que está no interior de vós” (Lc 17,21)³. É uma metáfora que, oportunamente, na circunstância sócio-político-cultural

³ Tradução literal, deixando aberto se “no interior” significa na pessoa de cada um ou “entre vós” – o que, por sua vez, pode indicar a realidade interna do grupo ou o mundo em que o grupo se encontra.

daquele momento, expressava a ‘indisponibilidade’ do agir de Deus confiado a seu enviado, o “Filho do homem”, em oposição à dominação exercida pelos reinos deste mundo. Mas a “salvação (que vem) de Deus” em Jesus, para “toda carne” (Lc 3,6), ultrapassa de longe a figura de um reino, e as tentativas de identificá-la com um reino histórico levam, inevitavelmente, ao milenarismo. O que não exclui que aquilo que a metáfora aponta se encarne na práxis histórica; em primeiro lugar, na própria “carne” (pessoa humana), que é Jesus.

Com base nessas considerações, arriscamos dizer que o testemunho das comunidades reunidas em nome de Jesus não deve ser “reinocêntrico”, nem sobreacentuar instâncias históricas, sejam elas sociopolíticas ou religiosas, mas, sim, abrir as mentes e os corações ao infinito de Deus, que supera civilizações e religiões, mas se encontra, concretamente e de imediato, na práxis humana de justiça, amor e paz, concebida segundo o paradigma infalível que é a práxis de Jesus de Nazaré, “rosto humano de Deus e rosto divino do homem”⁴.

Nessa perspectiva, os motes de ‘conversão pastoral’ e ‘nova evangelização’, que marcam, ultimamente, as reflexões pastorais, tanto da CNBB como do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM) e, recentemente, do Sínodo de 2012 sobre a Nova Evangelização, não devem ser vistos como gritos de guerra para a reconquista de terreno perdido, mas como expressão do anúncio da boa-nova de Deus, com novo ardor, em tempos novos, que são precisamente estes que, no Brasil, são marcados pela transição do catolicismo socioambiental para um catolicismo, ou melhor, um cristianismo católico de convicção pessoal e de testemunho comunitário.

⁴ Expressão cara ao papa João Paulo II.

Conclusão

Por diversas estatísticas recentes, principalmente as do IBGE (2012), confirma-se que o catolicismo deixou de ser a religião da quase totalidade dos brasileiros. Em queda contínua e acelerada nos últimos quarenta anos, reúne, atualmente, menos de 2/3 da população brasileira. Ao mesmo tempo, constata-se notável crescimento dos evangélicos, sobretudo os pentecostais, bem como dos sem religião, do espiritismo e de ‘outras religiosidades’. Isso não exclui que o número de paróquias católicas seja crescente, bem como, numericamente ao menos, o clero diocesano.

As causas da diminuição porcentual dos católicos podem ser buscadas no fenômeno da secularização constatado no mundo ‘Ocidental’, chegando-se a falar da ‘exculturação’ da religião. A análise de uma amostra brasileira – a Arquidiocese de Belo Horizonte – aponta outra direção: a migração para outras religiosidades, geralmente por razões subjetivas, como melhor acolhida e atendimento, maior proximidade humana e até geográfica, além de questões doutrinárias e disciplinares específicas da Igreja Católica. Porém, os dois fenômenos podem ser conjugados. A secularização torna menos adstringentes os laços da religião tradicional (catolicismo e protestantismo histórico) e abre o caminho a religiosidades mais subjetivas, no pentecostalismo (evangélico, mas, também, católico), ou a sair da prática religiosa – o caso dos que se declaram sem religião.

Confrontou-se com isso a teologia do Concílio Vaticano II, a compreensão do que é a fé e a Igreja à luz do evento Cristo, a opção cristã pessoal de carregar a cruz atrás de Jesus. A fé se estrutura, assim, não mais em uma religião ambiental, como a cristandade sociológica que nasceu há mais de quinze séculos e agora está desmantelando-se. Voltamos à Igreja peregrina, estrangeira no mundo, que sempre reaparece em momentos de renovação, como foi o Concílio Vaticano II. Essa compreensão misteriosa e sacramental – sinal eficaz da salvação em Cristo – fez a igreja se conceber como ‘pobre e serva’. Uma Igreja que pode ser, estatisticamente, uma minoria, caracterizando-se não por suas estruturas poderosas, mas pela

confissão de que Jesus é o Cristo e o salvador do mundo. Não organização açambarcando o maior número possível de sócios, mas comunidade testemunhal que não desiste de sua vocação evangelizadora universal. Que não entra pelos caminhos do brilho sensacionalista e do consumismo religioso, terminando em alta rotatividade e decepção final, mas que exerce a visibilidade do amor fraterno como sinal do amor com que Deus salva o mundo.

REFERÊNCIAS

- BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução CNBB. Brasília: Editora CNBB, 2001.
- CAMARGOS, M. **Valores e religião na Região Metropolitana de Belo Horizonte**. Belo Horizonte: Vertex Pesquisa, 2012.
- CONCÍLIO VATICANO, 2., 1962-1965. **Compêndio do Vaticano II**: constituições, decretos, declarações. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1968.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL – CNBB. **Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil 2008-2010**. São Paulo: Paulinas, 2008.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL– CNBB. **Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil 2011-2015**. São Paulo: Paulinas, 2011.
- FIGUEIREDO, F. A. **A carta a Diogneto**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1976.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_Religiao_Deficiencia/caracteristicas_religiao_deficiencia.pdf>. Acesso em: 25 out. 2012.
- LOISY, A. **L'évangile et l'église**. Paris: Picard, 1902.
- MARIANO, R. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Loyola, 1999.
- MCLUHAN, M.; FIORE, Q.; AGEL, J. **O meio são as massa-gens**. Rio de Janeiro: Record, 1969.
- NERI, M. C. (Coord.). **Novo mapa das religiões**. 2011. Disponível em: <http://www.cps.fgv.br/cps/bd/rel3/REN_texto_FGV_CPS_Neri.pdf>. Acesso em: 25 out. 2012.